



C A P Í T U L O 2

AUTISMO, EDUCAÇÃO MUSICAL E POTENCIALIDADES

Deise Priscila Delagnolo

RESUMO: Objetiva-se apresentar ao leitor um lugar estrutural para o autismo dentro da teoria psicanalítica freud-lacaniana, bem como tensionamentos acerca dos diagnósticos equivocados de autismo e seus efeitos para a estruturação do sujeito. Para tanto, traz-se vinhetas clínicas que aludem os pressupostos de uma intervenção referenciada na potencialidade das singularidades dos sujeitos. As sustentações teóricas se deram em buscas de autores que refletem acerca da estrutura autística muitas vezes excluído em metodologias que visam o apaziguamento das diferenças e das métricas escolares e de uma psicologia estritamente positiva e biomédica.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Estruturação psíquica; Família; Educação Musical.

INTRODUÇÃO

Percebe-se, nos mais variados contextos sociais contemporâneos, uma crescente demanda por diagnósticos de autismo, bem como a proliferação de diagnósticos imprecisos. A teoria psicanalítica, contudo, adverte sobre os efeitos desses diagnósticos na estruturação do sujeito (Jerusalinsky, 1994).

O presente artigo parte do pressuposto da necessidade de uma revisão teórica acerca do lugar estrutural do autismo dentro da psicanálise. Tal revisão permite refletir se estamos, de fato, manejando casos de autismo ou se nos deparamos, antes, com uma necessidade de produção diagnóstica própria do contexto em que vivemos.

Para sustentar essa hipótese, apresentam-se vinhetas de um caso clínico de diagnóstico equivocado de autismo, bem como seus desdobramentos junto à família, à escola e à utilização específica da educação musical. Esta é considerada um movimento de aposta no sujeito e em sua imersão simbólica.

O objetivo consiste em demonstrar, por meio da clínica e da educação, as potencialidades dos sujeitos, deslocando o foco da eliminação dos sintomas para a valorização dos gestos do paciente, tomados como significantes de uma produção simbólica encadeada em expressões musicais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos fundamentaram-se em uma revisão narrativa de autores que discutem as especificidades da estruturação autista.

As explorações científicas foram realizadas nas bases de dados CAPES e Scielo, considerando como recorte temporal as produções publicadas entre 2017 e 2023. As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: *Psicanálise e autismo* e *Psicanálise, autismo e estruturação psíquica*.

O manejo das especificidades do caso foi orientado por autores contemporâneos, reconhecidos como referências atemporais nos estudos sobre o autismo e suas singularidades.

NOTAS SOBRE A ESTRUTURAÇÃO PSÍQUICA NO AUTISMO

Para iniciar esta escrita me deparo com indagações e angústias, pois alguns gostariam de ler o autismo desde um lugar, outros de outro, haveriam ainda outros e muitos outros, mas preciso responder à mim mesma em um gesto que ecoa uma escuta singular: Existem esses outros, os autistas, àqueles que vivem sob as bordas.

Não há pretensão etiológica, histórica, meu movimento de escrita não recorta a deficiência, a doença, o estranho da psicanálise. Meu recorte é o de uma estrutura, uma estrutura de apostas, minha escrita é desde um lugar que coloca o autismo em uma quarta estrutura. Pois sim, não se trata de uma psicose como irei transcorrer, e, obviamente muito distante de uma neurose ou desejaríamos colocá-los em uma estrutura clássica? (Colocando-os em um lugar patologizante?) Os movimentos de alguns clínicos seriam estes, porém, o autismo é por si uma estrutura de apostas.

Cabe ressaltar que não há unanimidade no âmbito psicanalítico em relação ao manejo do autismo enquanto uma quarta estrutura, contudo nossos movimentos subsidiam-se nos ensinamentos de Lacan e da hipótese inicial dos psicanalistas Rosine e Robert Lefort, os quais afirmam ser o autismo outra estrutura em um pressuposto teórico de uma subjetividade alocada diante das neuroses, psicoses e perversões, tendo um modo peculiar de funcionamento (Cavalcante, Lisboa, 2021.).

Contribuindo com esta discussão Catão, Vivés (2021) discorrem sobre esta distinção conceitual na questão diagnóstico-estrutural do autismo, apontando as imprevisibilidades teóricas até mesmo entre os psicanalistas lacanianos, onde a falta de consenso teórico conduz por um lado o autismo a uma clínica das psicoses, ou seja, ao lado da esquizofrenia e a paranoia.

Os autores acima citados ainda fazem menção às perspectivas teóricas que alocam o autismo enquanto um impasse precoce na estruturação subjetiva (Catão e Vivés, 2021).

Para sustentarmos estas afirmativas, trazemos o desenrolar da constituição do sujeito sob a perspectiva psicanalítica, para assim podermos dar lugar ao autismo e suas peculiaridades enquanto estrutura clínica, extrato teórico que sustenta este trabalho.

Sabe-se através das articulações psicanalíticas que um bebê ao nascer já possui uma narrativa sobre si, dito de outra maneira já é um “suposto sujeito”, constituído assim de uma pré-história que envolve a escolha de seu nome, as produções subjetivas de seus cuidadores e familiares que antecipam sua chegada enquanto ser biológico. Esta narrativa envolve a produção de fantasias as quais constroem um bebê ideal, um filho ideal, podemos assim afirmar que os bebês e os filhos são construídos de histórias que são dadas em sua pré-história, as quais adentram no cenário de seus nascimentos e no desenrolar de suas vidas (Santos, 2021).

Para ilustrar esta afirmação trazemos as palavras que ecoam nos discursos parentais que antecipam a chegada do bebê ao mundo enquanto organismo: “Meu filho vai ser...” “Meu filho vai ter este nome porque...” “Meu filho vai dançar como a mamãe...” Os balbucios e as canções que fazem circuitos significantes sob a barriga da mãe... Todos estes são ecos de uma pré-história, da constituição de um ideal.

Para tanto, em seus escritos sobre o narcisismo Freud (1914-1916/1996) nos mostra que o nascimento de um filho possui inúmeros desdobramentos psíquicos no âmbito do narcisismo parental, o qual remete à extensão da dinâmica familiar, da dinâmica narcísica dos pais, onde seria reivindicado ao filho suprir as próprias faltas de seus pais (Freud, 1996).

Mas por que um trabalho sobre o autismo se debruçaria à pré-história de um sujeito? Justamente porque os traços idealizados cumprem papel fundamental na dinâmica psíquica que envolverá o lugar do *infans* no mundo e na narrativa parental, mais que isto, e se estivermos falando de um bebê que nasce com dificuldades de desenvolvimento? Se for prematuro? Se precisar de uma UTI? Digo, se este bebê não cumprir enquanto corpo com aquilo que foi idealizado pela fantasia parental?

Não se pretende afirmar que o fato do bebê ocupar um lugar desabitado destas representações primitivas lhe colocará em um processo de rupturas em sua estruturação psíquica, contudo salientar que este escopo pode se constituir enquanto indicativo de uma dificuldade no desenvolvimento e, em alguns casos a instauração de uma estruturação autística, psicótica.

Contudo, partindo do movimento de alienação e separação, e do processo especular fundamental para a inserção do sujeito no universo simbólico, torna-se fundamental discorrermos sobre o movimento da mãe e/ou àquele que cumpre esta função para que possa tomar o bebê como seu para produzir significados aos gestos primordiais do bebê, pois sabe-se desde a teoria psicanalítica que o bebê nasce um puro ser biológico e se faz necessário o movimento de tomada narcísica da mãe para produzir simbolicamente os gestos-reflexos do bebê (Espindola, 2022).

Desde os estudos freudianos com relação ao desamparo inicial do ser humano, os quais colocam-se em um ordenamento de fragilidade e indefesa faz-se então importante trazermos as contribuições de Winnicott (1975) que trata a comunicação do bebê como um gesto de desamparo e dependência, ou seja, para que haja o ordenamento da fantasia e da produção de significados faz-se necessário que a mãe represente o ambiente e os gestos do bebê oferecendo simbolismos aos gestos pré-verbais (Pereira, 2019).

Neste movimento é fundamental referenciarmos o Estadio do Espelho que foi teorizado por Jacques Lacan (1949) e cumpre função fundamental para a estruturação do EU, tendo relação com as identificações desenroladas entre os seis e os dezoito meses de vida do *infans*.

Trata-se do processo de reconhecimento de si em seus gestos primordiais através do Outro primordial, onde a estruturação do Eu se dá em meio à uma ilusão, dito de outra maneira, perpassando pela identificação dos significados oferecidos pelo Outro primordial, o bebê se vê nos gestos significados e passa a produzir-se em um dentro e fora, este dentro e fora se dá através da imersão no universo simbólico, diante da ausência deste Outro, o qual oferece sua falta perpassando assim pelo processo de simbolização (Dos santos, 2020).

O olhar da mãe e a significação dos movimentos primitivos do bebê traz à tona então a estruturação de uma identidade, estando o sujeito alienado ao desejo da mãe, em termos psicanalíticos como objeto de seu desejo, em um lugar de falo, de completude mãe-bebê.

Contudo para que haja a ruptura com esta alienação, deste lugar de falo é fundante na estruturação psíquica a imersão do significante paterno, a imersão do nome-do-pai, da função paterna, onde há um corte nesta díade para então haver a entrada da falta-a-ser no movimento de estruturação psíquica Sakiyama, Campos (2016).

Para tanto, nos utilizamos dos conceitos utilizados por Winnicott (1975) para ilustrarmos um modo de vislumbrarmos este processo. Para o autor a experiência de onipotência do bebê constitui-se em uma série de prazer/desprazer, pois antes

experienciada a presença onipotente da mãe, esta passa a ausentar-se provocando certo movimento tensional o que provocará no bebê uma necessidade de satisfação pulsional, é, neste sentido que diante da ausência do seio da mãe que o bebê passará a utiliza-se do brincar e de suas repreensões para adentrar no universo simbólico (Winnicott, 1975).

Após nos debruçarmos a estruturação psíquica diante dos aspectos de uma previsibilidade neurótica adentramos no universo do autismo e suas especificidades estruturais.

Desde a ótica psicanalítica o autismo não é visto como uma doença, mas sim uma estrutura psíquica, estando então ao lado das clássicas estruturas (neurose, psicose e perversão). Esta afirmação é importante, pois não é fato desta clínica alcançar a cura, pois não partimos deste pressuposto, afinal se quero curar escuto doença, quero eliminar, não, a aposta é ao contrário, o autismo é o autismo, é constituído por elementos como sua relação com os objetos, duplos especulares e interesses autísticos que juntos compõe a borda Autística, local onde este se situa na vida (Souza, 2021).

Para tanto, faz-se necessário apresentarmos o conceito de borda, borda autística a qual constitui-se como uma forma do autista se localizar subjetivamente, sendo esta caracterizada pelos movimentos de recusa diante a alienação, ao processo especular, o qual descrevemos anteriormente, ficando imerso entre o que Lacan denomina de Real e Simbólico.

Bordas são modalidades de autoproteção do autista contra a invasão da linguagem, parte do corpo do autista (a libido) que escoa sobre si mesmo. Na clínica com o autista, essas bordas com seus objetos e duplos localizam o gozo autístico, sintoma que não faz laço social, e corresponde ao modo como o autista se trata diante do real, suas soluções (Souza, p. 12. 2021).

Se imerso entre o Real do corpo e ao Simbólico podemos então compreender seus movimentos de recusa aos signos, a Presença do Outro, a voz, olhar, toque, dentre outros, estes movimentos de recusa se dão justamente pela dificuldade imaginária, de produzir-se através dos signos, pois diante desta perspectiva não lhe habita o movimento de alienação que se constitui como fundante a estruturação psíquica em outros quadros.

Para tanto, ao nos debruçarmos em leituras acerca da clínica com o autismo percebemos inúmeras articulações teóricas que nos conduzem ao engessamento diagnóstico, leituras estas advindas da prática sintomatológica, a qual coloca o sujeito em um bloco sintomatológico eliminatório de qualquer possibilidade de aquisição da linguagem, sendo dado a este sujeito.

Lima, Lima (2019) ao discorrerem sobre aspectos históricos desta clínica fazem menção as abordagens que tratam o autismo como a clínica do prejuízo, de tal modo que àqueles sujeitos com autismo capazes de desenvolverem-se socialmente (a seu modo) e/ou promoverem habilidades específicas são tratados como raros, utilizando-se assim de uma sintomatologia definida e engendrada exclusivamente no prejuízo e não na aposta que é o viés no qual objetiva-se este trabalho.

Este é apenas um recorte de um modo de ver e apagar o sujeito, o qual não interessa neste trabalho, interessa-nos neste demonstrar o desenrolar do sujeito autista enquanto uma estrutura clínica mediada pela aposta, para tanto, apresentamos recortes psicanalíticos dos movimentos estruturais desta clínica.

Para falarmos sobre a estruturação psíquica do sujeito com autismo partimos das conceituações de alienação e separação, as quais mostram-se nesta clínica como fundamentais para as formações psíquicas. Para Laznik (2004) o sujeito com autismo estaria fora deste movimento, dito de outra maneira, no autismo haveria uma falha no estabelecimento da função especular, onde os movimentos de significação dos atos primários na primeira infância estariam fora dos movimentos maternos e-ou do cuidador.

Balduino e Palma (2018) nomeiam o processo de alienação mãe-bebê na clínica do autismo como um dado curto-circuito, sendo este não capturado pelo Outro primordial, dito de outra maneira, não há a tomada do bebê como um objeto fálico materno, impossibilitando a passagem da corporeidade estritamente biológica para um ordenamento libidinal e imaginário.

Azevedo, Nicolau, (2017) ao revisarem autores contemporâneos da clínica com o autismo, mais especificamente os que tratam das intervenções precoces nos mostram a importância da noção de estruturação inconsciente como linguagem, tendo o lugar do Outro papel fundamental para o advir do sujeito, estando o autista em um lugar pulsional, onde os circuitos pulsionais não se instauram de modo à adentrar no campo da linguagem, ou seja, sem significação de seus atos a priori, culminando então na não imersão no universo simbólico.

Berton, Conssetin (2022), ao tratarem das distinções teórico clínicas entre a psicanálise e a psiquiatria utilizam-se dos trabalhos de Jerusalinsky (1993) para desmembrarem a temática da estrutura Autística, para tanto fazem a demarcação distintiva entre psicose e autismo. Para os autores, na psicose estaríamos diante de uma forclusão da função paterna, operando assim a função materna, esta no sentido de produzir-se como uma extensão do sujeito, enquanto diferença do autismo está em uma não inscrição desta primeira função, operando uma exclusão do Outro, dito de outro modo, ausentando-se o processo de simbolização, processo este observado desde os primeiros meses de vida do infans onde não percebe-se atos de

simbolização aos gestos primários do bebê, estaria então o autista no lugar do real. “[...] se para o psicótico cada palavra carrega seu próprio e definitivo sentido, para o autista cada palavra carrega seu próprio apagamento” (Jerusalinsky, 1993, p. 65).

Ao observarmos os movimentos comumente em autistas percebemos atos de exclusão do universo externo, estes no sentido de colocar para fora de si aquilo que não é seu, não tem sentido, justamente por estarmos imersos em um universo onde o processo de significação e imersão simbólica perpassou por rupturas. Para tanto, Berton, Cossetin (2022) demarcam este processo como uma rejeição ao que lhe é oferecido pelo Outro, cabendo salientar que os autores traçam uma crítica ao biologicismo que diagnostica tal ato como mera disfunção atencional.

Estaríamos neste momento em um ponto fundamental das discussões psicanalíticas acerca da temática, onde parte-se do pressuposto que nesta clínica não estaríamos diante de um sujeito como nas demais estruturas, mas um por vir (diz porvir) pela aposta em uma clínica mediada pelo desejo do analista), justamente pela falta de um deslocamento discursivo, de uma presença materna que demarque o corpo o faça inserir na linguagem e seja atravessado pela falta-à-ser.

Corroborando com tal afirmação Laznik (2004) explora o autismo como uma falha primária no estabelecimento de um laço com o Outro, pensando esta clínica como um sujeito anterior ao sujeito, afirmação esta que leva a psicanálise a buscar e explorar caminhos de intervenção, caminhos estes onde os marcadores estão nos gestos do autista.

Quando pensamos no desejo do analista, falamos do lugar discursivo que este ocupa nesta clínica, onde seu manejo consiste em um lugar de antecipação, sendo este enlace fundamental para a construção da ordem simbólica, dito de outro modo, o analista se coloca em um lugar que faz referência ao desejo, um lugar de significação, mesmo que haja recusa, pois aposta que imerso à tantas recusas existam lugares onde possa operar algo da ordem do desejo, do sujeito, do imaginário Gonçalves, et al., (2017).

Gonçalves, et al., 2017 ao revisarem publicações acerca de aspectos históricos e do manejo clínico com autistas corroboram com investidas do lugar que ocupa o analista nos atendimentos de autistas, destacando que o holding (Conceito estruturado por Donald Woods Winnicott) do terapeuta opera como um espaço de sustentação egóica para o paciente, cabendo ao analista lançar-se como um sujeito suposto, dito de outra maneira, oferecendo ao paciente um lugar de simbolização, produção, colocando seu corpo, sua voz, seus sentidos à dispor do paciente para que possa produzir-se em um ordenamento próprio.

Primordial ao analista no acompanhamento desta clínica é seu trabalho de segurar, resistir ou conter (Gonçalves, et al. 2017) o que produz o paciente, operando assim como semblante do papel que estaria no desejo da mãe diante do bebê, o que sabemos através da literatura não operar nesta clínica.

Falamos aqui da abertura do analista em deixar-se servir de objeto para um espaço de simbolização, mas também de cuidados básicos, dito de outro modo operando tanto na ordem biológica, quanto no universo da simbolização. Deste modo, é preciso deslocar-se conforme o sujeito, possibilitando-o a produção, mas oferecendo também espaços que referenciem o amor, a proteção, cuidados, atos estes muitas vezes ausentes nesta clínica Gonçalves, et al., (2017).

Importante salientar que diante deste paradigma o corpo do analista cumpre papel fundamental no manejo da clínica com autistas, pois ao afirmarmos que no movimento de estruturação psíquica não haveria uma mãe ou um cuidador que cumpra função especular também abrimos espaço para uma clínica do fazer-se espelho, colocando o analista em um lugar escópico.

Para tanto, Almeida, Dias (2022) revisam a noção de investimento libidinal o qual foi conceituado primeiramente por Freud e posteriormente reelaborado por Winnicott que trata do holding como um espaço tanto de sustentação física quanto psíquica, pois ao movimentar-se em um desenlace de sentidos corporais o autista demanda que ali aja alguém que lhe acolha, que faça sentido aos seus gestos primários.

ESPECIFICIDADES DO CASO: CLÍNICA, FAMÍLIA E ESCOLA

Se iniciou este trabalho descrevendo as peculiaridades do autismo para psicanálise, atentando a multiplicidade dentro desta área do conhecimento quanto à *práxis* estrutural. Mas por que atravessar a estruturação do sujeito para falar da interface clínica e arte educação com sujeitos autistas?

Movimenta-se a responder tal indagação no sentido de referenciar o leitor a vislumbrar um lugar para o autismo, bem como atentar para as especificidades clínicas desta estrutura, o que nos leva a refletir à excessividade de diagnósticos de autismo na contemporaneidade, o qual através da experiência clínica, familiar e educacional tensiona-se os efeitos dos diagnósticos equivocados de autismo, bem como os efeitos na estruturação psíquica destes sujeitos.

Com relação a excessividade de diagnósticos de autismo, bem como as demandas sociais pelos mesmos, partimos das reflexões críticas ao discurso atual, as quais baseiam-se em uma narrativa biomédica, dito de outro modo, onde qualquer movimento, gesto, comportamento que se desloque do dito esperado para tal período do desenvolvimento e/ou daquilo que a escola espera de rendimento em um discente em determinada fase escolar é tomado como patológico.

Para tanto Corrêa (2023) contribui-nos no campo dos estudos da performatividade neoliberal, onde os corpos são afetados por uma discursividade que distingue o normal do patológico. A autora nos mostra o quanto há uma necessidade da política neoliberal em produzir diagnósticos, medicalizar, como se esta fosse uma receita a ser seguida para a educação dos filhos e dos alunos.

Nosso movimento é contrário a esta discursividade, trabalhamos com diagnósticos não-decididos na primeira infância, bem como os efeitos destes na estruturação identitária do sujeito.

Para tal, trago ao leitor um caso acompanhado em uma Instituição do Estado de Santa Catarina, o qual chegou à clínica de Psicologia com diagnóstico de Autismo. A criança em questão produzia alguns movimentos repetitivos com seus dedos, achava a escola chata e indagava: Quem sou? O que é autismo? Por que estou sendo tratado como diferente? Por que eu tenho uma professora só para mim? Eu quero participar das atividades com meus amigos.

Tais recortes fazem refletir enquanto profissionais da saúde, educadores, pesquisadores os paradigmas sociais inerentes a agressividade do modelo biomédico atrelado ao discurso atual, pois em nenhum momento tal caso se compara ao autismo, pelo contrário, o sujeito é apagado pelo simples fato de brincar com os dedos.

Neste momento nos deparamos com trabalho múltiplo e educativo do profissional de Psicologia, e sua inserção no contexto escolar, familiar e a macropolítica que estrutura os entornos da clínica.

No âmbito do trabalho parental com este sujeito foram realizados atendimentos com o objetivo de acolher a demanda do diagnóstico, a resignificação do filho no social e as angústias provenientes de um diagnóstico equivocado, mas que paulatinamente foi sendo estruturado com a família.

A escuta deste caso perpassa os horizontes do consultório e adentra no contexto escolar, perpassa pela escuta dos educadores e dos personagens que fazem parte deste diagnóstico que diz mais de uma patologia social que de uma patologia na criança.

Os trabalhos envolveram a estruturação de uma atividade em grupo escolar para desmistificar o diagnóstico de autismo, bem como os manejos com as diferenças em sala de aula.

EDUCAÇÃO MUSICAL NO MANEJO CLÍNICO – RELATO DE EXPERIÊNCIA

Para além de escutar os pais nas primeiras sessões e intervir na escola durante o manejo do caso, que, como dito anteriormente, traz a amplitude da atividade clínica em seus distintos contextos, desdobra-se ao leitor a interface educação musical e clínica no manejo do caso.

Diante das queixas apresentadas, a falta de interesse pela escola e os movimentos de atenção aos próprios dedos, utilizou-se de elementos da musicalidade para adentrar no universo deste sujeito.

Ao encontro dos estudos de Sekeff (2019) subverte-se a lógica da educação musical presente no estrito imaginário dos concertos e criações homogêneas para tratar da educação musical como um movimento de criação, autorrealização e suas relações com o desejo e os movimentos pulsionais, tais quais marcados pela psicanálise freudo-lacaniana.

Conforme percebia que a atenção era direcionada aos dedos e aos movimentos repetitivos destes, fui imergindo elementos da música nas sessões, no sentido de convidar o paciente a experienciar movimentos outros aos dos próprios dedos.

Estes movimentos advêm desde um lugar de desejo do psicólogo/educador etc., em criar uma cena outra, porém sem saber de antemão os resultados destas imersões, cabendo salientar que em muitos casos a música pode colocar-se enquanto recusa do paciente.

Na especificidade deste caso, o violão tornou-se elemento simbólico das produções nas sessões. Ao tocar canções que anteriormente havia elencado com o paciente este passava a interessar-se pelas atividades e progressivamente topou o violão como um elemento de seu corpo.

Não se trata de propor uma clínica guiada por objetivos dados de antemão, mas um lugar mediado pelos simbolismos que conduzem a potencialização do sujeito, este sujeito que muitas vezes se encontra marginalizado, estigmatizado, diagnosticado, inerte em discursividades que aniquilam suas possibilidades de narrar-se enquanto sujeito.

Para a psicanálise educar é lidar com o impossível, educar é manejar o desejo, as próprias faltas do clínico, do educador para que haja uma aposta no sujeito, nos seus movimentos em direção à inserção nas potencialidades da vida Lajunquière (1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados teóricos acerca da estruturação psíquica do autismo na psicanálise nos permitiram dar um lugar epistemológico de sustentação para a práxis com estes sujeitos, bem como tensionar outras perspectivas vigentes em torno desta temática.

Questões relacionadas ao diagnóstico equivocado e às políticas de enquadramento da atualidade nos sustentam enquanto marca de uma agressividade mediante as potencialidades dos sujeitos.

A práxis das vinhetas clínicas do caso apresentado nos mostraram o quanto a rede de atuação dos profissionais que atuam com estes sujeitos é ampla e constitui-se como fundamento de uma ética que aposta na potência do sujeito e não na eliminação sintomática.

Por fim, a educação musical traz o abrilhantamento desta clínica que se engendra pela educação e demonstra o quanto podemos investir simbolicamente nestes sujeitos, desde que opere nos movimentos de atuação uma ética que aposta no sujeito por vir.

As angústias, as faltas, as dificuldades encontradas fazem parte da aposta na potência, é justamente neste lugar onde não se sabe o que está por vim que se potencializa os sujeitos a vida e não em diagnóstico que apaziguam sintomas que muitas vezes em nada se relacionam com o autismo.

É preciso cautela ao diagnosticar um sujeito, é preciso repensar nossas práticas com frequência para que o *frisson* do neoliberalismo não nos tome enquanto uma ética que aposta no sujeito e não na eliminação do sintoma.

A teoria psicanalítica traz vastas contribuições para a atuação com estes sujeitos, das quais em próximos estudos pretende-se elencar as contribuições da especificidade clínica da psicanalista francesa Françoise Dolto (1908-1988).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luana Souza de Deus Neto; SANTARÉMPINTO, Priscila; DIAS, Tatiane Santos. O corpo do analista na clínica psicanalítica com crianças autistas. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 8, n. 1, p. 378-395, 2022.

BERTON, Anna Carolina; COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Autismo: entre a psiquiatria e a psicanálise. **Salão do Conhecimento**, v. 8, n. 8, 2022.

CAVALCANTE, Anaís Oliveira Caribé; LISBOA, Milena. Contribuições da psicanálise no Acompanhamento Terapêutico de crianças: uma revisão da Revista Estilos da Clínica. **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 3, p. 476-493, 2021.

CATÃO, Inês; VIVÊS, Jean-Michel. Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo. **Estudos de Psicanálise**, n. 36, p. 83-92, 2021.

CORRÊA, M. A máquina performática: pequena coreografia de um fascismo da escola neoliberal. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2023.

DE LOURDES SEKEFF, Maria. Música e psicanálise. Trabalho de grado. Repositorio UNESP, 2019.

ESPINDOLA, Danielly da Costa Meirelles et al. Do divã à polis: um diálogo entre a Psicanálise e o sistema socioeducativo. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2022.

FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução.** Imago (1914-1916). Rio de Janeiro, v. 14, 1996.

GESSER, Marivete; DA SILVA, Solange Cristina; NUERNBERG, Adriano Henrique. A contribuição do modelo social da deficiência para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista. **Revista educação, artes e inclusão**, v. 15, n. 2, p. 187-207, 2019.

GONÇALVES, Amanda Pilosio et al. Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura. **Tempo psicanalítico**, v. 49, n. 2, p. 152-181, 2017.

JERUSALINSKY, Alfredo. Psicose e autismo na infância (entrevista concedida a Diana Corso e Marieta Lucemadeira). In: CORSO, Diana; CARNOS, Gladis; OLIVEIRA, Luis, et al. (Org.) **Revista Associação Psicanalítica de Porto Alegre: Psicose**. Ano IV, n. 9, novembro, 1993.

LAJONQUIERE, Leandro (de). **Infância e ilusão (psico)pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAZNIK, Marie Christine. **A voz da sereia: o autismo e os impasses na constituição do sujeito**. Salvador: Ágalma, p. 27-31, 2004.

LIMA, Patrícia Oliveira; LIMA, Vera Helena Barbosa. A criança com diagnóstico de autismo na contemporaneidade. **Cadernos De Psicologia**, v. 1, n. 1, 2019.

PEREIRA, Ana Lúcia Braz Rios. A construção da confiabilidade na relação mãe-bebê a partir do conceito de ilusão: uma perspectiva winnicottiana. **Revista Univap**, v. 25, n. 49, p. 80-92, 2019.

SANTOS, Bruno Gonçalves dos. Música e experiência psíquica: ressonâncias entre autismo e laço social. Tese (Doutorado em Ciências e Letras) – Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2021.

SAKIYAMA, Carolina; CAMPOS, Érico Bruno Viana. Alienação e criatividade na constituição da subjetividade: contrapontos entre Lacan e Winnicott. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 15, n. 1, p. 26-39, 2016.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Imago. Rio de Janeiro. 1975,